



Lopes: "Centralização do câmbio seria catastrófica e atrasaria o país"

CONFIANÇA NO FUTURO

354

Por trás da boataria de ontem está o temor que o governo tenha dificuldades para encontrar quem lhe empreste dinheiro. Mas, segundo o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, o governo federal só teria dificuldades de rolar sua dívida pública "se houver um colapso total do sistema bancário, que é supersólido, resistiu à hiperinflação e ao Plano Collor". A reestruturação da dívida interna também foi descartada pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan. "Não há qualquer hipótese de qualquer sugestão desse tipo receber nosso apoio", afirmou o ministro.

O motivo do medo na origem dos boatos é que a dívida pública aumentou muito rapidamente nos últimos anos. Em 1º de janeiro de 1995, quando Fernando Henrique Cardoso assumiu a Presidência no seu primeiro mandato, a dívida federal em títulos estava em R\$ 61 bilhões. Em novembro do ano passado, porém, tinha crescido para R\$ 319 bilhões.

Os juros altos fazem a dívida crescer ainda mais rapidamente e esta semana passaram de 32,5% para 37% ao ano. Lopes admitiu que os juros podem subir ainda mais para evitar o crescimento da inflação. "A extensão dos juros depende do *overshooting* do câmbio", disse Lopes, referindo-se à forte alta do dólar, que o governo considera que cairá como aconteceu em outros países que sofreram ataques especulativos. À medida que o câmbio for se normalizando e que não haja contaminação de alta de preços por setores sem importação, os juros cairão.

Por enquanto, continuam altos e Lopes não descartou um aumento da Taxa de Assistência do Banco Central (Tban), que funciona como um teto aos juros básicos para os negócios com títulos do governo, para além dos atuais 41% na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). A reunião está marcada para 3 de março, mas as grandes altas dos juros foram feitas em reuniões extraordinárias. "Não gostamos de fazer reuniões extra-

ordinárias", disse Lopes.

Para Lopes, no entanto, os analistas que prevêem crescimento explosivo da dívida pública "estão fazendo a conta errada, prevendo juros reais (além da inflação) de 20% ao ano reais e isso não vai acontecer. O juro real vai cair". É uma consequência natural da inflação. Lopes admitiu, porém, que a parcela da dívida em títulos que remuneram pela variação do dólar vai crescer. "Não queríamos ter problemas com banco e empresa quebrando, então mantivemos a oferta dos títulos cambiais", disse.

Lopes afirmou que o pacote fiscal anunciado no final do ano é suficiente e que alguns números vão até melhorar. "A dívida como percentual do PIB provavelmente será menor que a inicialmente prevista (46,8% do PIB em 2001)", disse. Ele comentou que esse patamar em relação ao PIB não é tão alto. "É perfeitamente aceitável, a dívida da Itália é de 150% do PIB", disse Lopes.

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, afirmou que a médio e longo prazos o setor público brasileiro não terá problemas. Segundo ele, o País poderá crescer até 3,5% ao ano, praticar juros reais de 10% anuais e manter sua dívida entre 45% e 50% do Produto Interno Bruto (PIB). "Claro que essa transição não é confortável, mas o ganho qualitativo que teremos é enorme", disse Lopes, descartando moratória interna e externa. "A centralização do câmbio seria uma alternativa catastrófica, seria atrasar esse país dez anos. Tiraria o Brasil de uma economia global em que o avanço será enorme", considerou.

"Teremos seis meses desconfortáveis", diz Lopes, prevendo um bom futuro depois. Ele aconselhou as pessoas que têm dinheiro agora a aproveitarem os juros altos e investir nas aplicações financeiras nos bancos, várias delas lastreadas em títulos públicos como fundos de investimento financeiro (FIF) de renda fixa e DI. (AC)